

APRESENTAÇÃO¹

PRESENTATION

Deneval Siqueira de Azevedo Filho*

 que seria uma “Vida Vivida. Já acabada? Não. Absolutamente. Vida que se requer **nova** (no sentido de original) pelo canto (“Não sou” – Não sou poeta), que se constitui num tom profético do teor lírico de Francisco Aurelio, POETA, em **Vida Vivida**.

O Nejar é poeta. Outros são. A vida é poesia. Por isso, a chegada de Francisco Aurelio Ribeiro ao seu “ditirambo”, invoca arcas, pombas, etc. o poeta transcende a prisão de uma civilização técnica para uma representação do seu inventário do que pode ser o apocalipse (**Pré-apocalipse**). E então se revela (“e epifanizar-se”). Ressuscita versos vividos que sequer foram enterrados. Estavam em Bagdá ou em Jorge de Lima ou no(a) Pessoa.

“**Sob o céu de Túnis**” remete-nos imediatamente ao canto sagrado do almuadem. Das alturas, do templo, do milenar. Disto, retire o leitor os seus

¹ AZEVEDO FILHO, Deneval Siqueira de. Apresentação. In: RIBEIRO, Francisco Aurelio. *Vida vivida*. Vitória: Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, 1997. (Coleção Almeida Cousin, v. 19). p. 3-4.

* Doutor em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

próprios “templos à beira-mar”, pois, como quer o poeta, “Há sempre um deus para ouvir e um novo mundo a sonhar!”.

Ou seja, parafraseando poesia pura (“esmagar os ovos na roupa e epifanizar-se”, em **Pré-apocalipse**), temos a certeza de que há, no específico poético do autor, um voo clariceano, em que, quando se procura demais um sentido, talvez não o encontre. O sentido na poesia de Francisco Aurelio é tão pouco dele como algo que estivesse no além. Entretanto, a matéria fôrma/forma nos vem através de sua respiração, na sonoridade e, pasmem, é um sopro.

“Espera”, “dúvida”, “anseio”, “tédio”, enfim, “o nó o nojo cálido” são a espuma das bolhas molhadas pela investigação poética. No entanto, a chama é livre e incorpórea. Claro, não se pode pegar a luz com a mão!

Assim: há uma alva renda de insinceridade neste poeta que nos diz “Que caiam os trapos pelo caminho”, mas que, entretanto, “para desanuviar, melhor um romance do Alencar”.

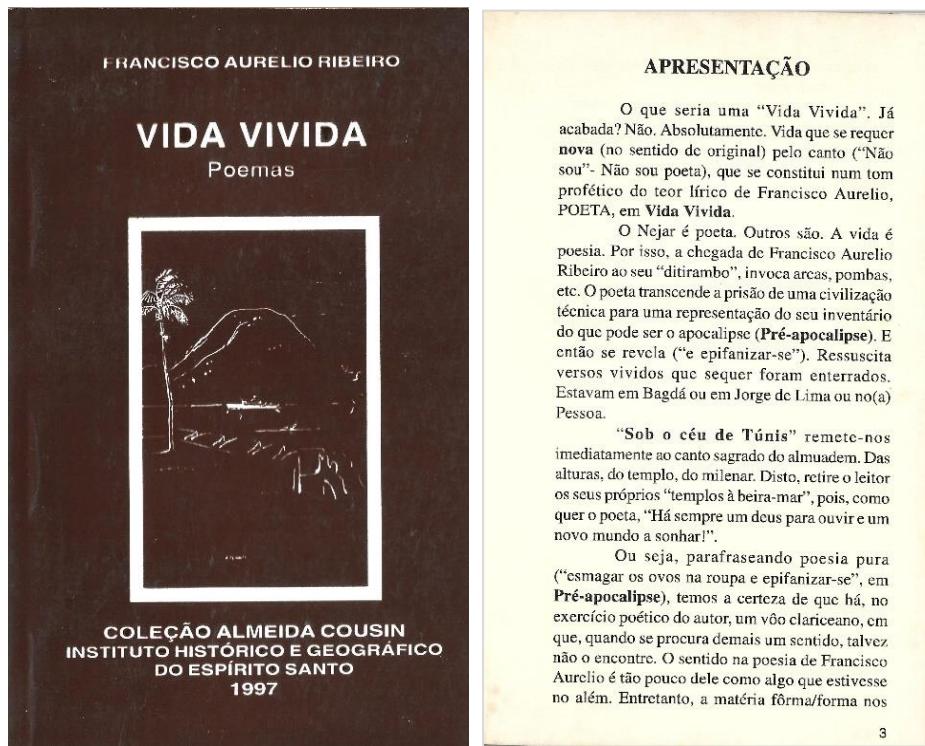
Alencar, bebedouro certo de Machado.

Francisco, “a fome a folia adiada”.

Tudo bem!

Um “mouro” que anuncia em voz alta, do alto das almádenas, a hora do seu canto!

Que os coruchéus o louvem!



APRESENTAÇÃO

O que seria uma "Vida Vivida". Já acabada? Não. Absolutamente. Vida que se requer nova (no sentido do original) pelo canto ("Não sou". Não sou poeta), que se constitui num tom profético do teor lírico de Francisco Aurelio, POETA, em *Vida Vivida*.

O Nejar é poeta. Outros são. A vida é poesia. Por isso, a chegada de Francisco Aurelio Ribeiro ao seu "ditirambo", invoca arcas, pombas, etc. O poeta transcende a prisão de uma civilização técnica para uma representação do seu inventário do que pode ser o apocalipse (*Pré-apocalipse*). E então se revela ("e epifanizar-se"). Ressuscita versos vividos que sequer foram enterrados. Estavam em Bagdá ou em Jorge de Lima ou no(a) Pessoa.

"Sob o céu de Túnis" remete-nos imediatamente ao canto sagrado do almuadem. Das alturas, do templo, do milenar. Disto, retira o leitor os seus próprios "templos à beira-mar", pois, como quer o poeta, "Há sempre um deus para ouvir e um novo mundo a sonhar!".

Ou seja, parafraseando poesia pura ("esmagar os ovos na roupa e epifanizar-se", em *Pré-apocalipse*), temos a certeza de que há, no exercício poético do autor, um vôo clariceano, em que, quando se procura demais um sentido, talvez não o encontre. O sentido na poesia de Francisco Aurelio é tão pouco dele como algo que estivesse no além. Entretanto, a matéria fôrma/forma nos

3

Capa de *Vida vivida*, de Francisco Aurelio Ribeiro,
e a página inicial da "Apresentação" de Deneval Siqueira de Azevedo Filho.